

A criança bi e multilíngue – Ultrapassando mitos e obstáculos. Uma breve síntese sobre o bilinguismo

Miriam Akioma¹

miriam.akioma@gmail.com

Ana Margarida Belém Nunes²

ananunes@um.edu.mo

R E S U M O: O presente estudo representa uma revisão de literatura sobre a área do bilinguismo, no qual se pretende evidenciar algumas características naturais de falantes bilíngues ou multilíngues. Este tem como objetivo, descrever este importante fenômeno que, muitas vezes, está envolto por mitos, incertezas e equívocos tanto do lado dos pais, como de alguns profissionais da saúde e professores. Seguindo a cronologia da evolução dos estudos sobre o bilinguismo e comportamento, descreve-se ainda o desenvolvimento cognitivo bilíngue, e suas possíveis vantagens e desvantagens. Aborda também as conexões existentes entre o bilinguismo e a emoção tanto no escopo linguístico- social como psicológico. São apresentados resultados iniciais no âmbito do bi-multilinguismo, focando-nos em aspectos como o sentimento de pertença a um grupo social, *language-choice*, e receios e incertezas dos pais quanto à educação bilíngue.

PALAVRA-CHAVE:

Bilinguismo;
Desenvolvimento Cognitivo;
Comportamento bilíngue;
Identidade;
Emoção.

¹ Pesquisadora Assistente no Centro de Cognição e Ciências Cerebrais da Universidade de Macau, China. Doutoranda em Neurociências na Faculdade de Ciências da Saúde e Mestre em Linguística Aplicada pela Faculdade de Letras da Universidade de Macau, China. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8653-131X>

² Professora Associada da Faculdade de Letras da Universidade de Macau, China. Doutora em Tecnologias da Saúde (Linguística Clínica) pela Escola Superior de Saúde, Universidade de Aveiro, Portugal. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6003-872X>.

1 Introdução

Sabemos que a linguagem, em seus diferentes aspectos, é a principal forma de ação, interação, e de comunicação utilizado pelo homem para interagir com o mundo e em particular a língua é vista como um sistema de códigos específicos, reconhecido por uma determinada comunidade da qual o indivíduo faz parte. Para Tomasello (2010, p.343) “linguagem, ou melhor, comunicação linguística, não é um tipo de objeto, formal ou outro, é uma forma de ação social constituída por convenções sociais para alcançar fins sociais, com base em, pelo menos, alguns entendimentos compartilhados e propósitos compartilhados entre os usuários”.

Hamers e Blanc (2000) afirmam que com a globalização, a migração de pessoas aumenta e o contato com novas e diferentes culturas é inevitável, resultando em um número significativo de sociedades multiculturais. Essas comunidades mistas acabam por resultar em famílias bi-multilíngues, cujas crianças crescem e se identificam com mais de uma cultura, sendo que em muitas circunstâncias falam línguas diferentes para se comunicarem com os próprios pais, que falam idiomas distintos. De acordo com Shaffer e Kipp (2010) “a aquisição da língua é claramente um processo holístico entrelaçado com o desenvolvimento cognitivo e social da criança e com a vida social e cultural dela”.

O bilinguismo é já um fenômeno comum no mundo atual não sendo exclusivo, nem privilégio, de uma qualquer classe social específica. Ao longo do tempo, tem-se vindo a tentar entender não só o processo em si, mas, também, os efeitos cognitivos que o bilinguismo pode trazer, bem como os seus efeitos positivos ou negativos.

No que diz respeito aos bilíngues *per se*, no caso de diferenças individuais ou até mesmo à própria visão geral desse fenômeno que abrange o mundo (como no caso dos imigrantes, refugiados, entre outros), estudos relacionados ao bilinguismo ainda carecem de uma base e estrutura mais consolidada. Há necessidade, portanto, de trazer mais informações à população, a fim de esclarecer alguns pensamentos e definições, muitas vezes equivocadas. Com o grande número de famílias que deixaram seus países de origem, que hoje criam os filhos em países de língua e culturas diferentes, é comum que esses pais se sintam inseguros e receosos quanto à educação que devem possibilitar aos seus filhos. Aparecem, nestes contextos, as diversas dúvidas e ‘medos’ relacionados com o bilinguismo e identidade cultural; aquisição e aprendizagem de línguas, integração e pertença a um determinado grupo social, “The idea that learning two languages will affect developmental milestones of speech and language in the bilingual child is a misconception that persists among parents and educators” (DE HOUWER, 1990, *apud* ESPARZA e SIERRA, 2014, p. 38).

A reflexão e algumas pequenas observações aqui apresentadas procuram, de forma sucinta e objetiva, sustentar informações relevantes baseadas em estudos empíricos sobre o processamento da linguagem em bilíngues e monolíngues, a relação dos bilíngues com as emoções em cada língua, e as consequências do bilinguismo ao longo da vida.

2 Definições de Bilinguismo

Tradicionalmente, a área do bilinguismo investiga a competência e desempenho dos falantes que se comunicam em duas ou mais línguas, em uma perspectiva do próprio fenômeno do bilinguismo. Contudo, recentemente surgiram também preocupações sobre as limitações desses estudos nesta perspectiva, o que fez com que essa visão fosse ampliada e que esses estudos também fossem examinados e analisados como fenômenos de aquisição trilingue, aquisição de terceira língua, competência e performance dos falantes multilíngues (CENOZ, HUFSEIN e JESSNER, 2001, 2003).

Na área da aquisição de segunda língua (SLA), competência é designada como o conhecimento inconsciente que o falante tem da linguística, sociolinguística, e princípios comunicativos que lhe permitem a interpretação de uma língua em particular e tipicamente deduzida através de testes metalinguísticos. Seguindo as recentes evoluções na área da antropologia linguística, a performance, refere-se não somente à língua em uso, como também às construções criativas, uma vez que, o indivíduo recorre à criatividade tanto na aprendizagem de uma LE (língua estrangeira) como na aquisição da sua Língua Materna (LM). Finalmente, a proficiência, se refere em geral, ao nível de conquistas, feitos e realizações em uma língua em particular, em relação a habilidades como a escrita e a fala, que são medidos através de testes padrão (PAVLENKO, 2007).

No que concerne à história e tradição da área do bilinguismo, neste trabalho o termo bilinguismo é designado como a área de pesquisa que examina tanto o bilinguismo, como o multilinguismo (BAKER, 2011; LUNA *et al.*, 2008; ROMAINE, 2001). Fenômenos estes, que se empenham em estudar e analisar a produção, o processo, desenvolvimento e compreensão de duas ou mais línguas.

O bilinguismo é definido de diferentes modos de acordo com o contexto em que é inserido. Bloomfield (1933) e seu pensamento filiado à linguística estrutural, onde a conceptualização é homogênea, define uma pessoa bilíngue como aquela que pode falar duas línguas com a mesma fluência de nativos, ou seja, o conhecimento e uso perfeito de uma ou mais línguas. Para Weinreich (1953), o bilinguismo seria o uso

alternado de duas línguas. Já de acordo com Haugen (1953), o bilinguismo começaria com a habilidade de produzir sentenças completas e com sentido na segunda língua. E, finalmente, de acordo com Edwards (2004), as primeiras definições de bilinguismo se limitavam apenas a defini-lo como o uso perfeito de duas línguas diferentes. Contudo, as definições mais recentes permitem uma maior variação do que sejam as competências do indivíduo bilíngue.

Para Grosjean (1985) ser bilíngue não se resume a dois monolíngues em uma só pessoa. Na perspectiva da psicolinguística, o bilinguismo pode ser o conhecimento e uso de duas ou mais línguas, e a apresentação de informações em duas línguas ou dialetos diferentes no dia-a-dia (GROSJEAN, 2013). Segundo o autor, essa definição incluiria desde o imigrante que fala com dificuldade a língua do país que o acolheu (razões de sobrevivência e cidadania) até ao intérprete profissional que é totalmente fluente nas duas línguas (razões profissionais e económicas). E assim compreende-se que, para além da diversidade entre os falantes, de modo geral, todos compartilham de algo em comum, todos utilizam duas ou mais línguas no cotidiano.

Butler (2013) divide o bilinguismo em três diferentes categorias, seguindo a tipologia inicialmente proposta por Weinreich (1953) em relação à organização de códigos linguísticos e unidades de significado na memória: o bilinguismo composto, coordenado e subordinado. No bilinguismo composto são processados, simultaneamente, dois códigos linguísticos. Neste tipo de bilinguismo, os vocábulos “livro” e “book” possuem o mesmo significado e significante. Pode-se tomar por exemplo uma criança que adquire, ao mesmo tempo, duas línguas dada a exposição e input que tem a ambas, vivendo num ambiente bilíngue.

No bilinguismo coordenado, os códigos linguísticos estão separados, cada qual com seu conjunto de unidades de significado. Assim, recorrendo ao exemplo anterior, “livro” e “book” têm unidades de significado distintas para uma criança em idade escolar que utiliza uma língua em casa e outra língua diferente em âmbito de aprendizagem formal/escolar, (WEINREICH, 1953). Quanto ao bilinguismo subordinado, os códigos linguísticos da segunda língua (L2) são interpretados pela filtragem através da primeira (L1), ou seja, o lexema “book” passaria por um processo de “tradução”.

Seguindo a tipologia clássica do bilinguismo em relação à proficiência em duas línguas, proposta primeiramente por Peal and Lambert (1962), o bilinguismo encontra-se dividido em balanceado e dominante. No bilinguismo balanceado o falante apresenta proficiência, domínio e competências iguais tanto na sua L1 como na L2. No bilinguismo dominante a proficiência da L2 pode variar, mas não atinge o mesmo nível de domínio e competência da L1, ou seja, a L1 será a língua dominante.

A questão sobre como o bilinguismo pode ser definido recebe atenção universal, é necessário compreender, antes de tudo, sua forma individual, psicológica, cultural e contexto social para que este seja interpretado. Justifica-se assim a existente colaboração de pesquisas em diversas áreas do saber como a antropologia, linguística, sociolinguística, psicologia, neurociência, entre outras.

3 O Bilinguismo: Cultura e Identidade

O biculturalismo ainda é um tópico pouco estudado dentro da vasta área do bilinguismo. Bilíngues biculturais, ou somente, biculturais são aqueles indivíduos que têm internalizadas duas diferentes culturas e são capazes de se comunicarem nas línguas associadas a essas culturas (LUNA *et al.*, 2008). Frequentemente nos deparamos com biculturais que alegam “sentir-se como uma pessoa diferente” quando falam línguas diferentes (LAFROMBOISE *et al.*, 1993). Lembramos portanto, que o bilinguismo e o biculturalismo não são, necessariamente, coexistentes e que é perfeitamente possível encontrarmos pessoas bilíngues que não são biculturais. Há também casos em que os imigrantes adquiriram uma segunda língua e aprenderam sobre a cultura do país que os acolheu, mantendo também as suas próprias línguas e cultura de origem.

De acordo com Grosjean (2008), há um grande impacto sobre os bilíngues biculturais a nível pessoal (psicológico / cultural) e cognitivo, e no conhecimento e processamento da língua. Nguyen e Benet-Martinez (2007) caracterizam deste modo os indivíduos biculturais: 1. Tomam parte em diferentes níveis, de duas ou mais culturas; 2. Adaptam, ao menos em parte, suas atitudes, comportamentos, valores, linguagens, entre outros, para esta cultura; 3. Combinam e mesclam aspectos das culturas envolvidas. Alguns destes aspectos vêm de uma ou de outra cultura, enquanto outros são misturas dessas culturas, sendo, exatamente, o que se defende e perspectiva no ensino de línguas estrangeiras, a defesa e fomento da interculturalidade.

É comum dizer que os biculturais gerenciam e adaptam seu comportamento em determinadas situações onde a troca de língua é necessária, contudo, há uma errônea idealização de que a troca de línguas acarreta também a troca de personalidade. Se isso fosse possível, como seria com os monoculturais? Já que eles possuem somente uma cultura para se espelharem. Por outro lado, os biculturais são capazes de modificar seu comportamento e atitude de acordo com a ocasião ou contexto. Em suma, biculturais mudam a sua “base cultural” para melhor se adaptarem ao contexto cultural do ambiente em que estão. Logo, não é a língua que influencia essa mudança, mas sim as circunstâncias e o local.

É fundamental ressaltar que a língua e a identidade possuem uma relação intrínseca, isto é, o ato de falar a língua pertencente a uma determinada comunidade, desperta no falante, um senso de pertença a ela. Bialystok (2009) afirma que os bilíngues estão ligados a mais de uma comunidade étnico-cultural pela língua. Em outras palavras, o falante bilíngue não está apenas ligado a duas línguas, ele está também ligado a dois sistemas distintos de sons e léxico, envoltos por um complexo contexto sócio-político-cultural, e deve saber lidar não somente com questões linguísticas, mas também com a cultura de mais de uma comunidade.

Estudos sugerem que a identidade dos bi-multilíngues pode ser considerada 'única', especialmente para aqueles que aprenderam as línguas em contexto formal. Para estes, a identidade proveniente da L1 é considerada inerente e afetiva, enquanto o desenvolvimento da identidade na L2 supre todas as necessidades cognitivas (BLOCK, 2009; GABRYS-BAKER, 2019).

Um estudo anterior de Nunes e Akioma (2019), evidencia que mesmo de tenra idade é possível existir já, no indivíduo, uma ideia de pertença a uma nova cultura onde a criança vive e é educada. Na análise de um desenho pintado por Carla (nome fictício), uma criança de 6 anos de idade, caucasiana, é possível aferir, pelas cores escolhidas e explicações da criança que esta tem fortes ligações emocionais com a China, e o fato de usar a língua portuguesa em casa com seus pais, a língua chinesa para brincar com amigos do bairro, e a língua inglesa na escola, em nada interfere no grande carinho e respeito que sente pelo local onde cresceu. Carla é filha de pais brasileiros e foi no país deles que nasceu. Com perto de 1 ano de idade foi viver para a China, numa cidade caracterizada por ter uma grande comunidade brasileira, perto de 3.000 pessoas, e de grande vínculo ao país de origem e suas tradições. Esta comunidade vive, inclusive, toda muito próxima. Todos os anos a família passa cerca de 2 meses no Brasil, daí que Carla conheça bem o seu país natal. De entre várias atividades, num estudo sobre bilinguismo, foi pedido à criança que pintasse um desenho com cores à sua escolha e, no final, foi-lhe pedido que explicasse as cores utilizadas.

Foi possível perceber que as cores escolhidas estavam intrinsecamente relacionadas aos sentimentos da criança, denotando-se uma ligação emocional com a China. Assim, o vestido azul que lembra o mar da China é, provavelmente, a primeira reminiscência que tem do mar. O vermelho, que segundo ela, é muito usado na China, alude não só à bandeira da República Popular da China mas também a todas as maiores festividades chinesas. Curioso, são as mãos amarelas que, aparentemente, seriam as dela, visto que a cor dos asiáticos, conforme a classificação dos grupos humanos em antropologia, é amarela. Há por parte da criança um profundo enraizamento na cultura e tradições chinesas, de salientar que Carla fala português, inglês e chinês.

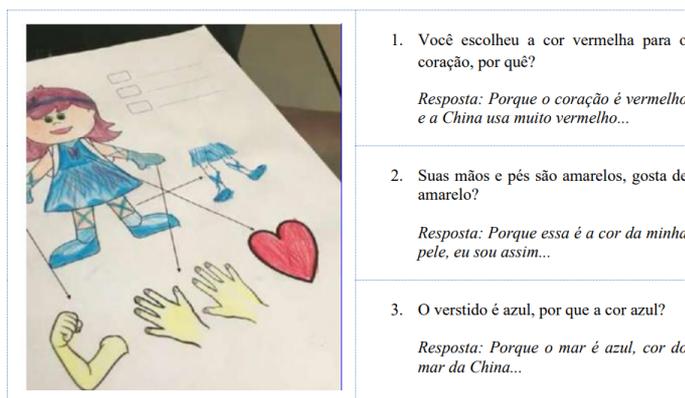


Figura 1. Pintura e respostas de Carla às perguntas feitas pelas autoras. (NUNES E AKIOMA, 2019)

Assim enfatiza Edwards (2004), quando afirma: “Beyond utilitarian and unemotional instrumentality, the heart of bilingualism is belonging”, isto é, muito mais do que o uso de um ou mais sistemas linguísticos, as questões mais importantes no bilinguismo são os motivos e fatores sociais e psicológicos envolvidos nesse processo.

Para Pavlenko (2005) diferentes tipos de bilíngues se comportam de forma distinta, em contextos naturais e experimentais. Simultaneamente, bilíngues biculturais podem desenvolver representações diferentes daqueles que são considerados bilíngues sequenciais ou tardios; e entre os bilíngues tardios, falantes de uma língua estrangeira com uma exposição mínima à língua alvo podem diferir dos falantes de L2 que socializam na língua alvo dentro da comunidade. Segundo a autora, os conceitos que influenciam a língua falada seriam: 1. Fatores individuais que incluem as histórias de aprendizado da língua do falante, a dominância e proficiência da língua, o grau de biculturalismo e aculturação do indivíduo e a habilidade em dominar a questão; 2. Fatores interacionais que incluem o contexto da interação da língua, o estado linguístico do interlocutor (ex. Familiaridade com os falantes); 3. Fatores linguísticos e psicolinguísticos que incluem o grau da relação entre representações na língua em questão (em conceitos de comparação) e o grau no qual o conceito de uma língua pode ser expresso em outra e o valor semântico que veicula.

Recentes investigações na área do bilinguismo (KHODOS, 2020; GULLIFER *et al*, 2018; SCHWARTZ e INAS, 2021) em relação ao desempenho de tarefas verbais e não-verbais em contextos naturais mostram que as representações conceituais podem ser transformadas em socialização na língua segunda. Estes resultados são de extrema importância para a compreensão das implicações dos estudos do léxico mental do bilíngue, consciência metalinguística, e principalmente destacar a importância do papel das línguas e habilidades cognitivas.

4 Consequências do bilinguismo no desenvolvimento cognitivo

4.1 Efeitos cognitivos positivos

Sustentado por inúmeros estudos, o bilinguismo tem sido ligado ao desenvolvimento cognitivo de crianças e adultos revelando que ele possui vantagens e desvantagens, o que é, muitas vezes, a preocupação principal dos pais e dos educadores.

Ellen Bialystok (2005) realizou estudos em crianças bilíngues e o desenvolvimento cognitivo, onde concluiu que o bilinguismo acelera o desenvolvimento das funções cognitivas em geral, relacionadas à atenção e inibição, sendo este um facilitador para o cumprimento e processamento de tarefas onde estas funções são necessárias. Lee e Kim (2011) observaram que os bilíngues possuem certas vantagens, e assim explicam que quanto mais alto é o grau de competência linguística do falante bilíngue, mais criativo ele é.

Num estudo realizado por Costa, Hernandez, e Sebastián-Gallés (2008), envolvendo jovens adultos (com uma média de 22 anos de idade) observou-se que os bilíngues tinham uma melhor performance que os monolíngues em *attentional network task* (FAN *et al.*, 2002). Os autores concluíram que “esses resultados mostram que o bilinguismo exerce influência na obtenção de eficientes mecanismos de atenção por jovens adultos que deveriam estar no auge de suas capacidades de atenção”.

Os estudos realizados por Bialystok, Craik e Freedman (2007) sugerem que o bilinguismo pode proteger contra a doença de Alzheimer, uma doença que se agrava ao longo dos anos e consiste na perda das funções cognitivas. Para dar suporte a esta suposição, pesquisadores da área (DRISCOLL e TRONCOSO, 2011) começaram a considerar as noções de reserva cognitiva (RC) e após examinarem 184 estudos de caso e analisarem pacientes bilíngues e monolíngues com Alzheimer, observaram que os sintomas da doença nos bilíngues aparecem quatro anos mais tarde em comparação com os monolíngues. Um estudo mais recente realizado por Calabria *et al.* (2020) enfatiza que o bilinguismo pode contribuir para as reservas cognitivas contra doenças neurodegenerativas, e que o bilinguismo ativo pode ser o maior aliado para o atraso dos primeiros sintomas do Comprometimento Cognitivo Leve (CCL). Uma meta-análise contendo vinte e um estudos referentes ao bilinguismo e proteção contra o declínio cognitivo concluída por Anderson *et al.* (2020) revelou evidências de um tamanho de efeito moderado em efeitos protetivos relativos à idade do aparecimento dos sintomas preliminares do Alzheimer, no entanto, foi constatada uma fraca evidência de que o bilinguismo de fato previna a ocorrência dessas disfunções

neurodegenerativas. De qualquer forma, é importante salientar que, podendo o nosso cérebro ser comparado com um músculo ele, como qualquer outro, precisa de ser treinado para se manter saudável. Hoje em dia, é cada vez mais comum encontrar indivíduos com mais de 65 anos a aprender novas línguas, artes e ofícios, havendo a noção de que o nosso cérebro precisa de ser constantemente surpreendido e estimulado.

Os estudos de Bialystok (2018) indicam que os falantes bilíngues experimentam diferentes “adaptações bilíngues” ao longo de suas vidas, como por exemplo: os bebês que crescem em um ambiente bilíngue desenvolvem diferentes estratégias de atenção; Já na infância, as crianças bilíngues são mais adeptas de tarefas baseadas em conflitos e por conta disso, podem ter um vocabulário reduzido em uma das línguas; nos jovens adultos, há mudanças consistentes nas propriedades estruturais e funcionais do cérebro; nos idosos, entende-se que são mais resilientes ao declínio cognitivo e sintomas de demência, “being bilingual has powerful advantages in cognitive function across various domains such as attention, working memory, and multitasking. This is the kind of “brain work” that may protect them from age-related cognitive problems (such as dementia and Alzheimer)” (ESPARZA e GARCIA, 2014, p.53).

Genesse (2010) recomenda que para alcançar totais benefícios cognitivos na instrução e letramento de um bilíngue proficiente, todas as crianças deveriam ter acesso a uma educação bilíngue, a fim de prepará-las para a sociedade globalizada dos dias atuais. Os estudos acima mencionados defendem uma correlação positiva entre o bilinguismo e a cognição, embora ainda encontremos alguma resistência e insegurança referentes à educação bilíngue. Portanto, é fundamental que mais pesquisas nesta área venham apresentar evidências empíricas sobre os efeitos benéficos da educação bilíngue, não somente na cognição e tarefas linguísticas, como também os benefícios socioculturais e interacionais.

4.2 Efeitos cognitivos desfavoráveis

Estudos prévios da década de 1920 (eg., JORDAN, 1921; BERRY, 1922; GIARDINI e ROOD, 1923; RIGG, 1928), apontavam uma correlação negativa a respeito da relação entre o bilinguismo e a cognição. Provavelmente, este fato foi influenciado pela falta de rigor experimental e também pela visão sociopolítica anti-imigração que prevalecia nos Estados Unidos nessa época. Estes resultados desfavoráveis à cognição perduraram até aproximadamente a década de 60. Baker (2008) afirma que o resultado dominante da maioria dos estudos desse tempo era de que os bilíngues eram inferiores aos monolíngues, particularmente em termos de competência verbal.

Esses estudos tinham em comum graves debilidades metodológicas e também estatísticas. Além do mais, os estudos desse período não levavam em consideração alguns fatores adicionais como indicadores socio-econômicos, situação escolar e aspectos emocionais (HOFFMANN, 1991:121).

No que diz respeito aos indivíduos bilíngues, foram constatadas algumas evidências de desvantagens no domínio e produção de palavras em relação aos monolíngues. Por exemplo, os bilíngues são mais lentos ao falar os nomes das gravuras, em ambas as línguas, em comparação com os monolíngues (IVANOVA e COSTA, 2008). Estudos de Gollan *et al.* (GOLLAN *et al.*, 2005; GOLLAN *et al.*, 2008) sugeriram que os bilíngues sofrem de uma grande dificuldade associada ao “rótulo” das palavras devido ao grande número de palavras presentes em ambas as línguas. Sendo assim, este crescente número de palavras leva a uma fraca conexão entre cada palavra e um conceito em particular. Esses efeitos não acontecem somente com bilíngues, mas também com monolíngues, porém a ocorrência nos últimos é menos frequente.

Estudos focados em perceber a opinião dos pais sobre a criação de um filho bi/multilíngue, evidenciam a existência de alguma confusão o que deixa os pais apreensivos, temendo a perda de sua "língua materna", podendo assim, enfrentar dificuldades no desenvolvimento do senso de pertencimento a um grupo, e também, consequentes problemas de socialização de seus filhos. A tabela, retirada de Nunes e Akioma (2019), retrata as opiniões resumidas dos pais sobre os prós e contras da educação bilíngue infantil.

ADVANTAGES OF THE BILINGUAL EDUCATION	DISADVANTAGES OF THE BILINGUAL EDUCATION
More independent and open minded	Delay in verbal competence
More flexible and respectful towards different cultures	Difficulties expressing feelings
Better and more job opportunities	Not being fluent in any language
Knowing Chinese, Portuguese and English, they can go wherever they want in the world	Socialization and integration problems
	Loss of mother language
	Mixing languages and structural errors

Tabela 1. Vantagens e desvantagens do ensino bilíngue de acordo com os pais entrevistados no estudo (NUNES e AKIOMA, 2019)

Como se pode verificar pela tabela 1, os pais continuam preocupados com questões relacionados com a expressão de sentimentos, problemas de fluência e compreensão, perda da língua materna, dificuldades de socialização e integração e, ainda, atraso na linguagem. Ainda que possam perceber que uma criança-indivíduo bilíngue tenha maiores e melhores oportunidades de trabalho, que seja mais

independente e acolha melhor diferentes culturas e pensamentos os pais não querem de modo algum perceber algum tipo de ‘atraso’ nos filhos. A preservação destas ideias não é ‘culpa’ exclusiva dos pais, uma vez que é ainda bastante comum encontrar professores, médicos, psicólogos e outros profissionais que aconselham os pais a não criá-los como bilíngues uma vez que essa opção lhes pode trazer muitos problemas. Essas dificuldades explicadas aos pais como criadoras de grande confusão e cansaço mental, problemas de identidade, atraso na aquisição e desenvolvimento da linguagem da criança e, até, causadoras de esquizofrenia (HUANG, 2017. p.132) fazem com que, evidentemente, os pais queiram ‘proteger’ os filhos.

É cada vez mais importante que estes mitos e concomitantes medos sejam desconstruídos, especialmente, tendo em conta o mundo globalizado em que vivemos e a necessidade de cidadãos bi ou multilíngues ativos que consigam movimentar-se em qualquer ambiente cultural, social e, claro, linguístico.

5 As emoções e o bilinguismo

De acordo com Scherer (2005), a emoção é um acontecimento em que existem várias mudanças que se encontram interligadas e que são a resposta do nosso organismo a um estímulo, podendo ser interno ou externo. Damásio (1996) explica a emoção como “um processo avaliatório mental, simples ou complexo, com respostas disposicionais e esse processo, na sua maioria dirigidas ao corpo (...) resultando num estado emocional do corpo (...) dirigidas ao próprio cérebro (núcleos neurotransmissores no tronco cerebral), resultando em alterações mentais adicionais”. Cada uma das emoções contempla uma família ou estados com ela relacionados.

Muito embora o Ser Humano acredite conseguir controlar suas emoções, estas são muito mais “visíveis” do que se possa pensar, daí o desenvolvimento de várias subáreas do saber ligadas a linguística clínica, neurolinguística, psicolinguística e linguística forense. Começa-se a entender o indivíduo, desde tenra idade, pela forma como se expressa, escolhendo uma ou outra língua para expressar diferentes sentimentos ou emoções.

Em suma, a emoção é uma mistura entre respostas psicológicas, cognitivas, fenômenos (biológicos, físicos e culturais) e comportamentos complexos, conforme Ortony e Turner (1990).

Ainda que estudos relacionados ao papel das emoções no aprendizado de uma nova língua sejam limitados, pesquisadores da área enfatizam que por muitas vezes esses estudos se dirigem às questões da língua e das emoções separadamente, deixando carecer portanto, o caso da língua das emoções de forma simultânea.

Arsenian (1945) foi o primeiro a oferecer um estudo mais compreensível sobre o bilinguismo, no qual incluía também uma análise de valores afetivos. Weinreich (1953), em seu texto *Languages in Contact*, comenta que bilíngues podem ter uma diferente ligação emocional com suas línguas e que envolvimento emocional como a amizade, o romance, o orgulho de viver em um novo país cria laços afetivos que podem conflitar ou até mesmo substituir a língua mãe. Ele também enfatiza o fenômeno do empréstimo afetivo, isto é, o uso de categorias lexicais e gramaticais de uma língua para realçar a afetividade na outra língua.

Para Fussell (2002) As emoções têm um papel crucial na vida tanto dos monolíngues como na dos bi-multilíngues. Compartilhar emoções durante interações pessoais ou através de comunicações escritas, é uma atividade social essencial, e é também uma habilidade que ajuda a nos manter física e mentalmente saudáveis.

Estudos psicolinguísticos relacionados com o bilinguismo mostraram que os bilíngues experimentam uma distância emocional entre a primeira e a segunda língua. Javier e Marcos (1989) sugerem que o indivíduo ao trocar para a segunda língua, poderia representar uma tentativa de evitar condições de ansiedade. Outros estudos apontaram que a ansiedade pode ser provocada por razões emocionais. Entrevistas com bilíngues tardios feitas por Grosjean (1982) e estudos de caso com bilíngues tardios em terapia indicaram que, para a grande maioria, os envolvimento pessoais são expressados na primeira língua e assuntos indiferentes, na segunda língua (AMATI-MEHLER, ARGENTIERI e CANESTRI, 1993). Destacamos, portanto, que é completamente compreensível que os bilíngues, especialmente aqueles que vivem em função de dois ou mais ambientes linguísticos, estejam conectados emocionalmente a essas comunidades linguísticas em níveis diferenciados.

Em oposição aos argumentos anteriores, Aneta Pavlenko (2007), linguista e pesquisadora nascida na Ucrânia e radicada nos Estados Unidos da América, em seu livro *Emotions and Multilingualism*, declara que pensar na primeira língua (L1) como sendo a língua das emoções e tratar a segunda língua (L2) como uma língua indiferente é tornar simples demais a relação entre as línguas, emoções, e identidades no bi-multilinguismo. E que se assim fosse, a questão da língua do coração dos indivíduos bi-multilíngues seria erroneamente interpretada, porque não há uma referência única para este assunto e diferentes respostas podem surgir dependendo da própria interpretação da língua.

Outro estudo de caso sobre o atrito da língua inglesa (L2) realizado por Tomiyama (1999) em uma criança japonesa de oito anos de idade, revelou que a criança perdia a confiança e a competência ao expressar sentimentos na L2, e que somente alternando para a L1 é que conseguia fazer declarações mais emocionais e afetivas.

Deste modo, essas descobertas nos guiam para os fatores afetivos que causam impacto na alternância de códigos e a escolha da língua (language-choice).

Estudos realizados por Akioma (2018), indicaram que as crianças da educação infantil em uma escola brasileira na China, já possuem suas preferências linguísticas ao se comunicarem em diferentes situações e contextos. Existem mesmo algumas crianças que, sendo falantes de língua materna portuguesa, chegam a confidenciar que não sabem brincar em Português, dado que o contexto mais lúdico com os amigos e colegas – dada a diversidade linguística – acontece em inglês. Educadores da escola brasileira afirmam que essa mistura e alternância de códigos se tornaram algo normal, fazendo parte do cotidiano dessas crianças desde tenra idade. Assim, explica a secretária-geral da escola Bem Me Quer de Dongguan – China:

“Sai todas as línguas (risos) saem as três línguas mais faladas aqui: o português, o inglês e o chinês. Uma hora eles estão falando em português, outra hora ... principalmente aqui na educação infantil, a gente observa muito quando eles estão brincando e eles começam a falar em inglês, assim...naturalmente! Para eles é natural isso [...] eles acabam assim, automaticamente, sem se darem conta [...] alunos com mães chinesas brincam muito em chinês também” (AKIOMA, 2018, p. 53-54)

Deste modo podemos observar que, enquanto ainda muito pequenos, é natural para eles a frequente mistura e/ou alternância de línguas, sem que haja qualquer impedimento à comunicação e inteligibilidade. Gradativamente, com o crescimento cognitivo e metalinguístico das crianças, a mistura de línguas vai diminuindo e o indivíduo se adapta à situação, contexto e interlocutor para melhor comunicar e expressar seus sentimentos e necessidades.

5 Considerações finais e sugestões para futuros estudos

Nesta síntese foram apresentadas definições referentes à vasta área do bilinguismo, abrangendo relevantes tópicos sobre o impacto do bilinguismo no desenvolvimento cognitivo, biculturalismo e identidade, adjuntamente com a concepção das emoções.

O bilinguismo é um fenômeno ainda muito complexo que envolve inúmeros fatores internos e externos que ainda não foram discutidos detalhadamente, como no caso das funções executivas (atenção, controle inibitório e memória), a produção e percepção oral numa análise do desenvolvimento fonológico, leitura bilíngue, questão da identidade e senso de pertencimento, entre outras. Assim, salienta-se a importância

de mais estudos relacionados com bilinguismo, enfatizando que o que aqui descrevemos e apresentamos deve ser visto como uma análise generalizada. No entanto, este trabalho está solidamente embasado das mais clássicas às mais recentes bibliografias sobre o bilinguismo, apresentando exemplos e testemunhos que, de certo modo, nos podem permitir questionar ou mesmo derrubar muitas das dúvidas e receios que existem dentro do bi e multilinguismo que são, afinal, ainda comuns nas sociedades contemporâneas .

Referências

AKIOMA, Miriam. **A influência linguístico-cultural na aquisição de linguagem: Características do bi-multilinguismo em uma comunidade brasileira na China.** Dissertação de Mestrado em Linguística Aplicada, Faculdade de Letras, Universidade de Macau. Macau, p. 53-54. 2018.

AMATI MEHLER, Jacqueline; ARGENTIERI, Simona; CANESTRI, Jorge. The Babel of the unconscious. **International journal of psycho-analysis**, 1990, 71: 569-583.

ANDERSON, John AE; HAWRYLEWICZ, Kornelia; GRUNDY, John G. Does bilingualism protect against dementia? A meta-analysis. **Psychonomic Bulletin & Review**, 2020, 27: 952-965.

BAKER, Colin. **Foundations of bilingual education and bilingualism.** Multilingual matters, 2011.

BAKER, Colin. Becoming bilingual through bilingual education. In: **Handbook of multilingualism and multilingual communication.** De Gruyter Mouton, 2008. p. 131-154.

BERRY, Charles S. The classification by tests of intelligence of ten thousand first-grade pupils. **The Journal of Educational Research**, 1922, 6.3: 185-203.

BLOCK, David. **Second language identities.** Bloomsbury Publishing, 2009.

BLOOMFIELD, Leonard. **Language.** 1933. New York: Holt, 1933.

BIALYSTOK, Ellen. Consequences of bilingualism for cognitive development. **Handbook of bilingualism: Psycholinguistic approaches**, 2005, 417-432.

BIALYSTOK, Ellen; CRAIK, Fergus IM; FREEDMAN, Morris. Bilingualism as a protection against the onset of symptoms of dementia. **Neuropsychologia**, 2007, 45.2: 459-464.

BIALYSTOK, Ellen. Bilingualism: The good, the bad, and the indifferent. **Bilingualism: Language and cognition**, 2009, 12.1: 3-11.

BIALYSTOK, Ellen. Lifelong Bilingualism: Reshaping Mind and Brain. Plenary Session presented at AAAL - American Association for Applied Linguistics Annual Conference, March 25th, 2018, Chicago, IL, USA.

BUTLER, Yuko Goto. Bilingualism/multilingualism and second-language acquisition. **The handbook of bilingualism and multilingualism**, 2013, 109-136.

CALABRIA, Marco, *et al.* Active bilingualism delays the onset of mild cognitive impairment. **Neuropsychologia**, 2020, 146: 107528.

CENOZ, Jasone; HUFEISEN, Britta; JESSNER, Ulrike (ed.). **Cross-linguistic influence in third language acquisition: Psycholinguistic perspectives**. Multilingual Matters, 2001.

CENOZ, Jasone; HUFEISEN, Britta; JESSNER, Ulrike (ed.). **The multilingual lexicon**. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 2003.

COSTA, Albert; HERNÁNDEZ, Mireia; SEBASTIÁN-GALLÉS, Núria. Bilingualism aids conflict resolution: Evidence from the ANT task. **Cognition**, 2008, 106.1: 59-86.

DAMÁSIO, António; **ERRO DE DESCARTES**, O. Companhia das Letras. São Paulo, 1996.

EDWARDS, John. Foundations of bilingualism. **The handbook of bilingualism**, 2004, 7-31.

ESPARZA, Nairán Ramírez; SIERRA, Adrián García. The Bilingual Brain: Language, Culture, and Identity. **The Bilingual Brain**, 2014. p. 35-56.

FAN, Jin, *et al.* Testing the efficiency and independence of attentional networks. **Journal of cognitive neuroscience**, 2002, 14.3: 340-347.

FUSSELL, Susan R. The verbal communication of emotion: Introduction and overview. In: The verbal communication of emotions. **Psychology Press**, 2002. p. 9-24.

GABRYS-BAKER, Danuta. **Studying bilingual and multilingual language identities: natural settings versus formal instruction**, 2019.

GOLLAN, Tamar H.; MONTOYA, Rosa I.; BONANNI, Marina P. Proper names get stuck on bilingual and monolingual speakers' tip of the tongue equally often. **Neuropsychology**, 2005, 19.3: 278.

GOLLAN, Tamar H., *et al.* More use almost always means a smaller frequency effect: Aging, bilingualism, and the weaker links hypothesis. **Journal of memory and language**, 2008, 58.3: 787-814.

GIARDINI, Giovanni; ROOT, W. T. A comparison of the Detroit First Grade Tests given in Italian and English. **The Psychological Clinic**, 1923, 15.3-4: 101.

GROSJEAN, François. The bilingual as a competent but specific speaker-hearer. **Journal of Multilingual & Multicultural Development**, 1985, 6.6: 467-477.

GROSJEAN, François. Manipulating language mode. **Studying bilinguals**, 2008, 67-84.

GROSJEAN, François. Bilingualism: A short introduction. **The psycholinguistics of bilingualism**, 2013, 2.5.

GULLIFER, Jason W., et al. Bilingual experience and resting-state brain connectivity: Impacts of L2 age of acquisition and social diversity of language use on control networks. **Neuropsychologia** 117, 2018, 123-134.

HAMERS, Josiane F., et al. **Bilinguality and bilingualism**. Cambridge University Press, 2000.

HAUGEN, Einar. **The Norwegian language in America: The bilingual community**. University of Pennsylvania Press, 1953.

HOFFMANN, Charlotte. **An. Introduction to Bilingualism**. London. 1991.

HUANG, Becky H. Bilingualism, Cognition and the Brain. **Foundations of Bilingual Education and Bilingualism**, 6th edition. Ed. By Baker, Colin and Wright, Wayne E. Multilingual matters, 2017.

IVANOVA, Iva; COSTA, Albert. Does bilingualism hamper lexical access in speech production?. **Acta psychologica**, 2008, 127.2: 277-288.

JAVIER, Rafael A.; MARCOS, Luis R. The role of stress on the language-independence and code-switching phenomena. **Journal of psycholinguistic research**, 1989, 18.5: 449-472.

JORDAN, Riverda Harding. **Nationality and School Progress: A Study in Americanization**. Public school publishing Company, 1921.

KHODOS, Iryna. Inter-Individual Variability in Language Experience and Its Effects on Metalinguistic Awareness and Non-Verbal Cognitive Control in Bilingual and Monolingual Adults in the Context of Multicultural Australia. Diss. The University of Newcastle, Australia, 2020.

LAFROMBOISE, Teresa; COLEMAN, Hardin LK; GERTON, Jennifer. Psychological impact of biculturalism: Evidence and theory. **Psychological bulletin**, 1993, 114.3: 395.

LUNA, David; RINGBERG, Torsten; PERACCHIO, Laura A. One individual, two identities: Frame switching among biculturals. **Journal of consumer research**, 2008, 35.2: 279-293.

NGUYEN, Angela-MinhTu D.; BENET-MARTÍNEZ, Verónica. Biculturalism unpacked: Components, measurement, individual differences, and outcomes. **Social and Personality Psychology Compass**, 2007, 1.1: 101-114.

NUNES, Ana Margarida Belém; AKIOMA, Miriam. Multicultural and linguistic contexts, mixing and switching languages: First approaches on Portuguese, English and Mandarin early speakers. In: International Symposium on Monolingual and Bilingual Speech 2019. 2019. p. 93.

ORTONY, Andrew; TURNER, Terence J. What's basic about basic emotions?. **Psychological review**, 1990, 97.3: 315.

PAVLENKO, Aneta. **Bilingualism and Thought**. Oxford University Press, 2005.

PAVLENKO, Aneta. Emotions and multilingualism. Cambridge University Press, 2007.

PEAL, Elizabeth; LAMBERT, Wallace E. The relation of bilingualism to intelligence. **Psychological Monographs: general and applied**, 1962, 76.27: 1.

RIGG, Melvin. Some further data on the language handicap. **Journal of Educational Psychology**, 1928, 19.4: 252.

ROMAINE, Suzanne, et al. **Bilingualism**. 2001.

SCHWARTZ, Mila; INAS, Deeb. Toward a better understanding of the language conducive context: an ecological perspective on children's progress in the second language in bilingual preschool. **International Journal of Bilingual Education and Bilingualism** 24.4, 2021: 481-499.

SHAFFER, David R.; KIPP, Katherine. **Developmental psychology: Childhood and adolescence**. 2010.

TOMASELLO, Michael. **Origins of human communication**. MIT press, 2010, p. 343.

TOMIYAMA, Machiko. The first stage of second language attrition: A case study of a Japanese returnee. **Second language attrition in Japanese contexts**, 1999, 59-79.

WEINREICH, Uriel. **Languages in Contact: Findings and Problems** (Publications of the Linguistic Circle of New York, New York). 1953.



The bi-multilingual child – Overcoming myths and barriers. A brief overview of bilingualism

ABSTRACT: The present study represents a literature review on the area of bilingualism, in which it is intended to highlight some natural characteristics of bi- or multilingual speakers. It aims to describe this important phenomenon, which is often shrouded in myths, uncertainties, and misunderstandings on the part of parents, as well as some health professionals and teachers. Following the evolutionary chronology studies on bilingualism and behavior are also described, the bilingual cognitive development, and their possible advantages and disadvantages. It also addresses the existing connections between bilingualism and emotion in both the linguistic-social and psychological scope. Initial results are presented in the scope of bi-multilingualism focusing on aspects such as the feeling of belonging to a social group, language-choice, fears, and uncertainties of parents regarding bilingual education.

KEYWORDS:

Bilingualism;
Cognitive Development;
Bilingual Behavior;
Identity;
Emotion;